

# O ensino de identidade de gênero e orientação sexual

Por Eduardo Alberto Almeida<sup>1</sup>

## Resumo

Relato de Atividade realizada no PIBID onde trocamos conhecimentos com estudantes do nono ano do ensino fundamental sobre identidade de gênero e orientação sexual, além de discutir sobre preconceito e tentar combatê-lo. Com oito dias de aula diversificadas, tratamos diversos pontos a respeito desse tema, todos para que os alunos pensassem, discutissem e compreendessem as dificuldades das pessoas diferentes da heteronormatividade e de perceberem como muitos preconceitos e pensamentos já existem a muitos anos, desde a Grécia Antiga até os dias de hoje, e que eles percebessem como a homoafetividade é tão antiga quanto a própria heterossexualidade. Com o objetivo de combater os preconceitos relacionados as sexualidades decidimos trabalhar com a história da homossexualidade e de questões mais sentimentais e psicológicas, para fazer os alunos pensarem a respeito do assunto.

Palavras-chave: História; ensino; gênero; sexualidade.

## Abstract

The discussion about gender identity and sexual orientation is very important and should be urgently worked in schools in Brazil. Our study aimed to discuss the issues about sexual orientation and gender identity to the students so that prejudices could be deconstructed and showing the historical struggle against the existing prejudices in society, and how these losses are part of the deep structures of society, and that it is a historic build. Through lectures and discussions with students, we seek to establish an exchange of knowledge on the subject, initially with clarification on what are gender identities and differences of each, and what are sexual orientations and discrepancies of each. Secondly, we have brought the historical trajectory of human sexuality, from ancient Greece to the present day, so that students realize that some thoughts regarding sexuality are historical build. We have created a booklet that was distributed to students and teachers in order to help in the continuing education of teachers so that they continue working this issue across the board in the classroom and thus contribute to the end of prejudice in school and in society.

Keywords: education, homosexuality, gender identity, sexuality, preconception.

<sup>1</sup> Graduando de História na Universidade Federal de Santa Maria e bolsista do PIBID/CAPES/UFSM de História.

# Relato

Nossa atividade foi realizada numa turma do nono ano do ensino fundamental, na Escola Estadual de Educação Básica Doutor Paulo Lauda. Decidimos trabalhar com esse tema e com essa turma devido à necessidade que percebemos após outra atividade realizada no mesmo grupo, e com o transcorrer do nosso conhecimento a cerca do convívio dos alunos com os colegas na escola. O PIBID História UFSM permite com que escolhamos temas os quais acreditamos ser necessário trabalhar com os alunos para aprimorar seus conhecimentos, além de ampliar as questões abordadas usando um tema transversal, a diversidade sexual. Isso tudo contribuiu para que optássemos por esse assunto, e principalmente por que na turma há homossexuais assumidos que sofrem muito preconceito por parte de colegas de turma e de colegas da escola, e para tentar diminuir esse mal estar dos alunos homossexuais decidimos que essa atividade seria muito importante a ser trabalhada na instituição.

No início do segundo semestre de 2015, quando chegamos à turma para iniciar a aplicação da atividade estávamos passando por um período complicado de greves e paralisações devido o parcelamento dos salários dos funcionários estaduais e todo o contexto de protestos por melhorias na educação. Mas conseguimos iniciar a atividade num período reduzido, de apenas meia hora, mas que rendeu muito. Logo que entramos, não precisamos nos apresentar, pois os alunos já nos conheciam devido uma atividade que havíamos aplicado no primeiro semestre. Iniciamos a fala através de uma conversa com os alunos dizendo que nós iríamos começar outra atividade com eles, uma atividade sobre gênero e sexualidade. Então começamos a conversar com eles e pedir pra eles o que eles achavam que era gênero, o que era sexualidade, quais as diferenças entre esses dois temas. Dividimos o quadro ao meio, num lado escrevemos gênero e tudo o que eles disseram que caracterizava, na outra sexualidade e fizemos a mesma coisa. Em seguida fizemos a seguinte questão a eles: “e por que devemos trabalhar isso?”. Um grupo de alunos disse que era importante para lutar contra o preconceito. Então pegamos essa palavra e escrevemos no quadro, em seguida pedimos a eles o que é preconceito? Os alunos não disseram nada, ficaram olhando para nós atentos, então dividimos o prefixo da palavra da sua raiz, e mostramos pra eles que preconceito vem de pré-conceito, ou seja, o que vem antes de um conceito, e que conceito significava o conhecimento a respeito de alguma coisa. O que levaram eles a entenderem

que o preconceito que as pessoas possuem com os homossexuais, por exemplo, é algo ligado à falta de conhecimento sobre o assunto, que é uma ignorância baseada em senso comum, e que nosso objetivo era os fazer chegarem aos conceitos através deles mesmos, pois não queríamos levar pronto pra eles e fazer como se fosse uma doutrinação, mas sim, com que eles refletissem a respeito do assunto trabalhado.

No segundo dia, retomamos o que havíamos trabalhado na aula anterior e avançamos mais nas discussões. Pedimos a eles quais os sentimentos que eles sentiam ao fazer algo errado, ou que os outros diziam ser errado. Eles mencionaram muitos sentimentos, dentre eles, medo, tristeza, angústia, culpa, entre outros. Então pedimos a eles o que achavam sobre alguém que passa a vida toda sentindo esses sentimentos, ou grande parte da vida. Os estudantes acharam horrível, péssimo, então começamos a discussão de que grande parte das pessoas que possuem sexualidade e identidade de gênero diferente da heteronormatividade sente como se estivesse fazendo algo errado, e todos esses sentimentos que eles elencaram devido às regras da sociedade e o preconceito que nos atinge. Também mencionamos a bancada evangélica e em como quem deveria representar a todos os cidadãos brasileiros só se importa com uma parte e a parte que mais lhe interessa deixando as minorias de lado e tratando-as sem as individualidades a parte. Nesse momento um estudante da turma faz um comentário malicioso para os colegas homossexuais que estavam participando da discussão sobre a representação política das minorias. O estudante em questão diz que “os gays são iguais bois, sem saco”, o que deu para entender que ele se referia à masculinidade, pois o boi é um animal castrado e que é criado para o consumo da carne, e o macho responsável por reproduzir é o touro. Na tentativa de revidar e desconstruir esse comentário preconceituoso, aproveitamos o comentário de outro aluno que mencionou que a homossexualidade feminina não sofre tanto preconceito quanto a masculina devido à visão machista de que duas mulheres se relacionando afetivamente para um homem é bom, agora um homem sendo feminizado já se torna algo ruim por transmitir certo pejorativo ao masculino que é algo “divino”. Então explicamos para eles que isso é uma construção grega, que também abominava o feminino dos homens e mesmo os homossexuais que não eram maus vistos na Grécia antiga, só era passivo o mais novo, pois ainda não era considerado homem, e assim não era afetado a sua masculinidade. Todavia, na Grécia antiga um homem não poderia ser rebaixado à mulher, ou fazer papel de mulher. E encerramos a aula com uma reflexão aos alunos, pedimos aos alunos que disseram que o machismo e preconceito é bom, pois defende os bons costumes e que isso só afe-

ta as mulheres e os gays, pedimos pra eles “por que homem não pode chorar em público?” eles disseram que fica feio para o homem que chorar em público, então pedimos “o por que disso?” e eles responderam que era para não afetar a masculinidade e esse homem ser taxado de “mulherzinha”, aí perguntamos a eles “então, o machismo e os preconceitos não afetam vocês também?” então os alunos concordaram e ficaram pensando a respeito. E comentaram que o machismo está tão impregnando na sociedade que todos são afetados, e que é mais que preciso combatê-lo.

Na terceira aula, resolvemos partir para uma atividade mais histórica para demonstrar que muitos pensamentos que ainda existem hoje são construções de muitos anos atrás e de que a homossexualidade é tão antiga quanto à heterossexualidade e a própria sexualidade. Há relatos escritos sobre um mito egípcio do deus Hórus com Seth, o que demonstra o quão antigo existe a homossexualidade. Na maioria das religiões politeístas existem relatos de homossexualidade ou bissexualidade entre os deuses, e há até mesmo relatos de travestilidade. Mas nos focamos mais na Grécia Antiga, pois além de ser mais visível, também conseguimos ver o preconceito com os afeminados, que perpetua até os dias atuais, e explicamos e demonstramos a questão da pederastia e de como ela funcionava, que o homem adulto e político desenvolviam um papel ativo, o jovem aprendiz desenvolvia o papel passivo, e que o homem não poderia desenvolver o papel de mulher da relação, pois o homem é superior à mulher e politicamente ativo. A pederastia seria uma espécie de “erótico-pedagogia”, pois tinha a finalidade de transmissão de conhecimento, um ritual de iniciação da passagem da adolescência para a vida adulta. Contamos a história mitológica de Aquiles e Pátroclo, e como a morte do seu amante fez com que Aquiles se lançasse contra os troianos com muita ira. Também falamos da questão de que o único amor verdadeiro para os gregos era o amor entre dois homens, a verdadeira amizade, e de que a relação com a mulher era apenas com intuito de reprodução. Tratamos do mito da Ilha de Lesbos, que mais tarde deu nome a lesbianidade. Mencionamos também que esse pensamento também se dava aos romanos, que por sua vez, adotaram alguns hábitos dos povos que dominavam. Os romanos pregavam o amor entre homens, pois assim fortalecia o exército, pois se criava laços de amor e proteção. E encerramos a aula com uma conversa com os alunos do que eles haviam entendido e tiramos dúvidas deles a cerca do tema da aula.

Na quarta aula, retomamos a aula sobre a Grécia Antiga, e passamos a falar da Idade Média, de que foi na Idade Média com a ascensão da Igreja Católica que a homossexualidade se tornou um pecado e um crime. As religiões pagãs que existiam até então aceitavam a homosse-

xualidade, mas as religiões monoteístas que surgiram na idade média não, que foi o caso do momento de expansão da fé católica e dos Mulçumanos, que não aceitavam e até abominavam. O cristianismo formou suas ideias sobre a sexualidade no contexto do mundo pagão greco-romano com tradições judaicas, que considerava a procriação a razão suprema para o sexo, e via a relação sexual que não tinha este objetivo como pecado, crime, sodomia. Em seguida, iniciou as citações na Bíblia sobre homossexualidade, o que fomentou para a intolerância aumentar. A Igreja se via ameaçada com a homossexualidade, pois não gerava filhos, e assim diminuiria a população e o número de fieis. Depois tratamos da Inquisição que serviu para reforçar o poder da Igreja Católica e reforçar seus ideais. E um dos alvos das perseguições e condenações é a homossexualidade, devido a escritas na Bíblia mal interpretadas ou interpretadas com objetivo visando a Igreja. Encerramos a aula esclarecendo dúvidas dos alunos e conversando a respeito de curiosidades deles a cerca desse assunto.

Na quinta aula, tratamos da Idade Moderna, com o movimento Renascentista, volta às ideias greco-romanas. A homossexualidade voltou a ser aceita como parte de um relacionamento idealizado entre um homem maduro e um jovem. Em Portugal a homossexualidade era vista como a causadora de pestes e mortes. A homoafetividade foi proibida com leis pelo rei, e muitos homossexuais foram perseguidos e entregues ao Santo Ofício para terem seu julgamento e punição. Encerramos a aula conversando e discutindo sobre o tema da aula e sobre obras de artes do período renascentista.

Na sexta aula, tratamos da homossexualidade na contemporaneidade, do caso do Alan Turing, por exemplo, e de como muitos países até hoje condenam os LGBTs. Também discutimos com os alunos o surgimento da AIDS e como ela era considerada o “câncer gay” e todas as repressões que houve contra os LGBT. Também falamos de reportagens de jornais e revistas que tratavam da AIDS como o câncer gay nos anos 80 e as desinformações a respeito do tema e as formas de proteção divulgada pelos mesmos. Outra questão abordada, é que os homossexuais passam a ser abordados como delinquentes em potencial. Em seguida, tratamos da mudança da proibição para a patologia, e de como a sexualidade foi considerada doença e foram realizados tratamentos. E depois disso tudo, finalmente começa a surgir a militância das minorias sexuais para que os direitos civis fossem alcançados. Graças aos movimentos ativistas LGBTs é que direitos foram conquistados, como por exemplo, o fim da patologia. Conversamos sobre a repressão dos movimentos LGBTs na ditadura militar e como não se conseguia avançar nas lutas e melhorias da comunidade das minorias sexuais. E chegamos

aos dias de hoje, debatendo com os alunos os direitos humanos e as causas LGBTs e de como isso é tratado politicamente hoje, e de como o Brasil ainda é muito preconceituoso e age de má fé as minorias sociais. Os alunos iniciaram a conversa e o debate a respeito dos direitos de casamento de gays e lésbicas e do Estatuto da Família que está sendo votado e que só considera família um casal heterossexual e seus filhos. No fim da aula, conversamos com os alunos sobre a AIDS, formas de prevenção e discutimos filmes que falam sobre o assunto.

Na sétima aula, focamos nosso trabalho na discussão de identidade de gênero e sexualidades, com um caráter mais formal. Dividimos o quadro em duas partes, num lado colocamos orientação sexual e no outro, identidade de gênero. Em seguida, pedimos aos alunos que elencassem o que julgavam significar cada um dos temas. Chegamos à conclusão de que identidade de gênero é o gênero com o qual me identifico, ou a forma que gosto de me expressar como pessoa, às roupas que gosto de vestir, e que orientação sexual é o desejo sexual, a atração que eu sinto pelas determinadas formas de identidade de gênero. Em seguida, solicitamos aos estudantes que citassem quais as identidades de gênero eles conheciam, e quais as orientações sexuais eles conheciam. Com isso conseguimos que eles chegassem a grande parte das identidades de gênero, pois eles citaram a transgenia, masculina, feminina e nós acrescentamos a travestilidade, que é uma identidade de gênero que permeia o masculino e feminino. Logo após, fizemos o mesmo com as orientações sexuais, e eles citaram a heterossexualidade, a homossexualidade e a bissexualidade, e nós acrescentamos a assexualidade e explicamos para eles o que era, e a panssexualidade e também exemplificamos essa sexualidade desconhecida para os alunos. Finalizamos essa aula com uma conversa do que os alunos entenderam a respeito desses assuntos.

Na oitava e última aula, revisamos tudo o que trabalhamos com os estudantes e sentamos em roda, em seguida iniciamos uma conversa sobre o que eles haviam aprendido e quais pensamentos eles haviam mudado. E assim percebemos quantos alunos mais preconceituosos mudaram seu pensamento a respeito da sexualidade diferente da heteronormativa. Pedimos se os alunos havia mais alguma dúvida a respeito das sexualidades e identidades de gênero, e em seguida, como ninguém quis perguntar, relembramos quais eram as sexualidades e quais eram as identidades de gênero e a diferença desses assuntos. Em seguida solicitamos aos alunos escreverem um texto falando o que haviam entendido sobre nossa atividade e que escrevessem dúvidas, sugestões, curiosidades, aprendizagens, o que eles gostariam de compartilhar conosco. Com esse material escrito que os alunos nos escreveram e as atividades e dis-

cussões que levamos para as aulas, criamos uma cartilha que foi distribuída para os professores da escola, com os quais nós conversamos para que eles continuassem nosso trabalho e continuassem tratando do tema com os alunos, e também colocamos uma em cada sala para que os alunos pudessem ler. Agora estamos pensando em tratar desse tema com outras turmas da escola e expandir nosso trabalho para que mais alunos tenham acesso a esse conhecimento e assim avançar na luta contra os preconceitos na escola.

## Referências Bibliográficas

GOMES, Verônica. As leis da intolerância. *Homossexualidade: da perseguição à luta por igualdade*. Rio de Janeiro: Revista de História da Biblioteca Nacional, agosto 2015. N° 119, Ano 10, p. 12-15.

MESQUITA, Teresa Cristina Mendes de. **Homossexualidade: constituição ou construção?**. Brasília: trabalho de conclusão de graduação em Psicologia. Centro Universitário de Brasília, 2008.

SANTOS, Daniel Barbosa. Eros político. *Homossexualidade: da perseguição à luta por igualdade*. Rio de Janeiro: Revista de História da Biblioteca Nacional, agosto 2015. N° 119, Ano 10, p. 16-18.

STEARNS, Peter N. *História da Sexualidade*. São Paulo: Contexto, 2010.

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Viver e lutar. *Homossexualidade: da perseguição à luta por igualdade*. Rio de Janeiro: Revista de História da Biblioteca Nacional, agosto 2015. N° 119, Ano 10, p.34-38.